

PRÁTICAS CULTURAIS E PRODUÇÃO DE SENTIDO

Alexandre Marcelo Bueno*

 <https://orcid.org/0000-0002-0798-3615>

João Batista Freitas Cardoso**

 <https://orcid.org/0000-0002-0192-3478>

No período de 5 a 7 de maio de 2025, foi realizado na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), em São Paulo, o *V Simpósio Internacional Comunicação e Cultura: Aproximações com Memória e História Oral*, evento bienal que já teve duas edições no Brasil (na Universidade Municipal de São Caetano do Sul) e duas no México (na Universidad de Colima e na Universidad Autónoma de Baja California).

Nessa quinta edição, além da UPM, estiveram na organização a Universidad de Colima (UdeC – Colima, México), a Universidad Autónoma de Baja California (UABC – Ensenada, México), a Universidad de Medellín (UdeM – Medellín, Colômbia), a Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul e o Centro de Producción de Lecturas, Escrituras y Memorias (LEM, Puebla, México), que receberá a sexta edição em Puebla, no México. O evento teve ainda o auxílio do Programa de Apoio a Eventos no País (Paep) da Capes.

A quinta edição, sob o tema *Desafios da Interculturalidade*, contou com 17 grupos temáticos (GT) que reuniram 393 pesquisadores, 64 deles estrangeiros, para apresentação de 276 trabalhos, submetidos no formato de resumo expandido. Os resumos foram publicados nos anais eletrônicos do evento (<https://www.even3.com.br/anais/vsicc/>), e os coordenadores dos GT indicaram aproximadamente cem resumos para avaliação e publicação do artigo integral nas

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: alexandre.bueno@mackenzie.br

** Professor do Programa de Mestrado Profissional em Comunicação Intercultural nas Organizações (MPCom) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: joao.cardoso@mackenzie.br

seguintes revistas: *Todas as Letras* (UPM, Brasil), *Anagramas – Rumbos y Sentidos de la Comunicación* (UdeM, Colômbia), *Estudios sobre las Culturas Contemporáneas* (UdeC, México), *Cadernos de Pós-Graduação em Letras* (UPM, Brasil) e *Estudos Aplicados em Educação* (USCS, Brasil).

O dossiê ora apresentado na revista *Todas as Letras*, ligada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UPM, reúne alguns desses textos, que serão apresentados a seguir.

“Comunicação intercultural e português como língua de herança no caso da emigração brasileira”, escrito por Camila Escudero, objetiva discutir as correlações entre comunicação intercultural (CI) e português como língua de herança (PLH), em uma perspectiva teórica atrelada ao contexto das migrações internacionais. A autora busca verificar como ambos os conceitos se articulam em dois princípios cruciais no que se refere à situação dos migrantes brasileiros que vivem no exterior: 1. identidade e pertencimento e 2. visibilidade e reconhecimento. Com os fluxos emigratórios crescentes do Brasil para o exterior, a questão do PLH se torna latente e ampla, envolvendo, também, as tecnologias de comunicação e informação (TIC), o associativismo e o campo das políticas públicas de caráter transnacional voltadas para a diáspora brasileira.

O artigo “Encerramentos físicos, movimentos afetivos e re-existências: *O que é isso, companheiro?* e *Ainda estou aqui?*”, de autoria de Aline Vaz e Valquíria Michela John, faz uso da teoria semiótica do campo de estudo do discurso para analisar o espaço estético e a paisagem anestésica nos filmes *O que é isso, companheiro?* (Bruno Barreto, 1997) e *Ainda estou aqui* (Walter Salles, 2024), que abordam memórias do período da ditadura militar no Brasil. Para as autoras, nesses filmes, as narrativas do cotidiano seriam construídas pela interação dos significados compartilhados entre os sujeitos da relação social e pela instabilidade vivida. No cotidiano, as paisagens anestésicas se alteram em espaços estéticos por meio das superações, que buscam constantemente transformar os incômodos em cômodos. Sob essa perspectiva, o artigo compreende os espaços cênicos por meio das metáforas de casa-calabouço (Fischer, 2006), paisagens em que têm lugar a apatia, a omissão, a paralisia e o encerramento dos corpos, e casa-concha (Bachelard, 1989), espaços de rupturas, fraturas que superam a automatização do cotidiano e os quadriculamentos opressores.

O artigo “Encenando o tormento: a tortura no texto dramático *Torquemada*, de Augusto Boal”, escrito por Giovani José da Silva, também se insere no período de repressão militar no Brasil, mas no campo da dramaturgia teatral como forma de enfrentamento ao Ato Institucional nº 5 (AI-5). Para ele, o teatro tentou traduzir as experiências traumáticas por meio da arte de protesto, em espetáculos como *Papa Highirte*, de Oduvaldo Vianna Filho (1968); *O abajur lilás*, de Plínio Marcos (1969); *Milagre na cela*, de Jorge Andrade (1977); e *Patética*, de João Ribeiro Chaves Neto (1980). Tendo como fundamento a noção de “ferida colonial”, o artigo visa discutir como a tortura foi representada no texto da peça de Augusto Boal (2023). Os resultados apontam para a necessidade de que os encenadores buscassem subterfúgios para “representar o irrepresentável”.

Silvana Seabra Hooper, em “Cuba em tempo de nostalgia: memória, utopia e a mercantilização do passado”, propõe-se a discutir o fenômeno do turismo de memória como ampliação do problema da memória contemporânea. Para isso, tem como *corpus* de análise as ações de turismo realizadas na ilha caribenha, ambiente que comporta vários aspectos, muitas vezes com caráter difuso e

contraditório. O apelo à visitação se sustenta na ideia exótica de que a ilha está passando por uma mudança radical e irreversível, que se materializa na chamada publicitária: “Visite a ilha antes que seja tarde demais”. Para a autora, uma das principais características do turismo de memória é o emprego da teatralidade como forma de sensibilizar e criar proximidade.

O texto “Interseções de significação: a experiência do *graffiti* na Ilha de Combu (PA)”, de José Ribamar Ferreira Júnior e Will Montenegro Teixeira, analisa a arte *graffiti* como um fenômeno de interseção da significação a partir da experiência estética e representacional vivida por artistas e moradores da Ilha do Combu, região insular de Belém, na Amazônia paraense. O estudo parte do *graffiti* que ocupa as fachadas das casas da Ilha do Combu desde 2015, por meio do projeto *Street River*, idealizado pelo artista visual Sebá Tapajós. O projeto consiste na realização de pinturas em casas ao longo do Furo da Paciência e do Igarapé do Combu, transformando as moradias em suportes de expressão visual. A pesquisa aborda a arte urbana não apenas como expressão estética, mas também como um processo comunicacional e de produção de sentido. O problema central da pesquisa reside na compreensão do *graffiti* como signo em um espaço amazônico insular, investigando como essa manifestação artística ressignifica a localidade e as relações entre seus moradores. O objetivo geral do estudo é analisar a experiência do *graffiti* na Ilha do Combu sob a ótica da significação, enfatizando suas relações estéticas e representacionais.

O texto “A poética do desabrigo em *Poemanto*, de Ricardo Aleixo: corpografia negra”, escrito por Michel Mingote Ferreira de Azara, analisa os diálogos da obra do poeta Ricardo Aleixo com as artes plásticas e performáticas por meio do conceito de “corpografia (escritas do corpo)”, criado pelo poeta. A partir dessa categoria, o artigo coloca em diálogo seus poemas com a obra intitulada *Bichos*, da artista Lígia Clark, além de desenvolver questões ligadas à noção de corpo negro.

Algumas linhas de força aparecem no contexto geral dos artigos publicados. Os trabalhos que compõem o dossiê se debruçam sobre temas ligados à construção de sentidos e identidades em contextos de deslocamento, memória, resistência e produção cultural, seja por meio da linguagem, da arte, do espaço ou das práticas sociais. Essas produções dialogam com contextos de migração, repressão política, memória coletiva e experiências de marginalidade, revelando preocupações com processos de pertencimento e visibilidade de grupos e sujeitos historicamente minorizados.

Uma característica igualmente presente é a valorização das práticas culturais como estratégias de resistência, ressignificação e afirmação de identidades, assim como o interesse pelo território como lugar de disputa simbólica e de produção de sentido. A interdisciplinaridade é outra marca presente nos trabalhos: os textos convocam teorias da comunicação, semiótica, artes visuais, literatura, *performance* e políticas públicas, articulando diferentes campos do saber para analisar fenômenos atuais e cuja análise e discussão são necessárias. Além disso, há uma preocupação em usar como ponto de partida as experiências dos sujeitos, por meio da análise de práticas culturais, da escuta de memórias ou da observação de manifestações artísticas. Todas essas características indicam questionamentos das fronteiras teóricas e analíticas que conduzem a uma valorização da diversidade, do hibridismo e das múltiplas formas de existência e resistência.

Sem perder de vista o tema central do congresso, a construção da memória ocorre, em grande medida, nas relações de troca estabelecidas entre diferentes

culturas, ou seja, nas relações interculturais. A ideia de interculturalidade está diretamente vinculada ao conceito de interação, prática natural em qualquer processo de comunicação. De acordo com García-Canclini (2005), a comunicação intercultural se realiza a partir do confronto e do entrelaçamento de elementos simbólicos entre diferentes grupos. A lógica intercultural parte do pressuposto de que as trocas devem ocorrer por meio do diálogo entre diferentes vozes, que ora se opõem, ora se aproximam, por vezes se contradizem e se interrompem, sem que uma prevaleça sobre a outra (Weissmann, 2018).

Para Rodrigo Alsina (2004), a relevância das relações interculturais reside na capacidade de questionar certas realidades consolidadas e abrir espaço a outras, permitindo que se estabeleçam. Trata-se de embates e negociações entre grupos de diferentes classes sociais, faixas etárias, crenças religiosas, origens étnicas ou línguas naturais, que acontecem em diferentes níveis: individual, familiar, comunitário ou nacional. Essas relações resultam das tensões assimétricas entre forças que alternam avanço e resistência, implicando ganhos e perdas para que algo comum permaneça. Os fluxos culturais, que geram impactos em uma diversidade de espectros direcionais, contribuem para a construção da memória.

Para Halbwachs (1990), a memória individual é resultado de uma experiência coletiva, constituída pelo conjunto das lembranças de um grupo. Para rememorar seu próprio passado, as pessoas precisam se reportar a pontos de referência externos. Para esse autor, existem duas memórias, uma interior, pessoal, vivida pelo indivíduo; e outra exterior, social, constituída em um processo histórico de mediações. A memória individual faz parte de uma memória geral, mais ampla. Nesse sentido, não se trata de atualizar a experiência cognitiva de reter na mente acontecimentos ou sentimentos. Ao contrário disso, trata-se de uma construção dinâmica, de um ponto de vista que opera em um contexto social e cultural e reflete as complexidades das relações humanas.

Como um fenômeno coletivo, a memória está diretamente relacionada às práticas comunicacionais. Para Assmann (2011), o processo de construção da memória envolve diferentes tipos de signos e narrativas que são compartilhados por uma comunidade. Seixas (2003) entende que esse processo não é unicamente racional, ele envolve escolhas, o que deve ser lembrado, ressignificado ou esquecido. Pollak (1989), por sua vez, destaca que, entre o vivido, o aprendido e o transmitido, as representações da memória são interdependentes.

Assim, este dossiê representa uma importante contribuição ao debate contemporâneo sobre práticas culturais, produção de sentido e memória, evidenciando como o diálogo interdisciplinar e a escuta das experiências dos sujeitos ampliam as perspectivas sobre identidades, resistências e processos interculturais. Ao reunir pesquisas que transitam entre diferentes territórios, linguagens e contextos históricos, reafirmamos o compromisso com a valorização da diversidade e o enfrentamento dos desafios teóricos, políticos e sociais que marcam nosso tempo. Esperamos que as reflexões aqui apresentadas inspirem novas investigações e promovam o fortalecimento de redes colaborativas voltadas para a compreensão das múltiplas formas de memória e produção cultural.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, A. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

GARCÍA-CANCLINI, N. *Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidad*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RODRIGO ALSINA, M. Cuestionamientos, características y miradas de la interculturalidad. *Sphera Publica*, Murcia, n. 4, p. 53-68, 2004.

SEIXAS, J. A. Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jeca macunaímico. In: GUTIÉRREZ, H.; NAXARA, M. R. C.; LOPES, M. A. S. (org.). *Fronteiras: paisagens, personagens, identidades*. São Paulo: Olho D'Água, 2003. p. 161-183.

WEISSMANN, L. Multiculturalidade, transculturalidade e interculturalidade. *Revista Construção Psicopedagógica*, São Paulo, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018.